

O ASPIDE NA FLOR

— CONTINUAÇÃO —

III



Depois que sahirão as visitas, Carolina entrou para o seu quarto, e sentou-se á beira do leito, desatando as longas tranças de seus cabellos negros e assetinados.

Despio-se e deitou-se.

Poucos momentos depois reinava na casa um silencio interrompido apenas pelo oscillar compassado e lento de uma pendula que havia na sala de jantar.

Não se ouvia mais nada.

Carolina quiz conciliar o somno e não pode.

Cerrava as palpebras, e a figura de Pedro se desenhava em sua imaginação, e via o mancebo cravar nos seus os olhos penetrantes e amorosos. O coração batia-lhe então com tanta força, que era facil ver as ondulações que seu seio imprimia no lençol-alvo e fino em que se envolvia. Outras vezes, quando estava já principiando a dormir, um estremecimento involuntario a fazia acordar em sobresalto.

Voltou-se de um lado, não estava bem; voltou-se do outro, a mesma inquietação e desassocego.

Meu Deos! como custa a dormir com o pensamento agitado!

Carolina começou então a pensar na situação de sua vida. Estava, por uma

ligação criminosa, presa a um homem que já não amava. Devia-lhe porém muito : toda a sua fortuna lhe tinha vindo d'elle. Este homem queria-lhe com uma paixão louca e sem limites.

Todas estas ideias passavão rapidas na mente de Carolina, em cujo coração se levantava impetuoso um novo desejo, amor e capricho a um tempo, mas cuja exaltação sentia desenvolver-se com toda a vehemencia de um affecto verdadeiro. Mas que loucura! Tinha ella por ventura dados para suppôr que Pedro a amasse? Nem uma palavra de amor se trocára ainda entre elles; mas qual é a mulher formosa que duvida do amor que pôde inspirar ao homem que escolheo para seu dominio?

Depois começárão as recordações de sua vida a surgir-lhe na memoria apressadas, mas distinctas como as visões de um febricitante, cujo espirito angustiado se não pôde fixar em um só objecto.

Lembrou-se primeiro dos annos tranquillos de sua infancia, do sitio alegre onde nascêra, dos braços carinhosos de sua mãe, onde sua bocca infantil murmurára a primeira palavra de innocencia. Quadra feliz! É o unico raio de luz que o homem conserva nos abysmos do seu passado.

Veio-lhe á lembrança tambem o dia do seu casamento. Pobre criança! tinha doze annos quando a levárão aos pés do altar, e a obrigárão a jurar amor e fidelidade a um homem quasi desconhecido, por quem não sentia affeição alguma, e a quem se entregou sem consciencia do acto que praticava, dos resultados que teria, da tremenda responsabilidade que tomava nessa hora solemne.

Anno e meio depois estava separada de seu marido. Elle tinha então dezasete, e ella treze annos e meio de idade!

Oh! podesse este exemplo aproveitar a tantos pais ignorantes que existem por toda a parte, e sobretudo no interior do Brasil, e tem a demencia de julgar que fazem a felicidade de seus filhos obrigando-os a casar antes da idade da razão, e sem que possam comprehender ainda os santos encargos da familia.

Carolina acompanhou o primeiro homem que julgou amar. Este, cujo unico fito era seduzi-la, abandonou-a em pouco tempo. Um outro veio após este, seguirão-se-lhe mais, e assim foi como uma taça prostituida, communicando de mão em mão a embriaguez do desejo até ser atirada aos pés dos convivas dissolutos.

Rosa desfolhada na orgia!... O anjo de tua guarda cobrio o rosto com a aza luminosa, e deixou nesse instante cahir do céo uma lagrima de suprema dôr sobre o teu seio maculado pelos beijos da infamia!

.

Ter-se-hia agora operado uma transformação em sua alma, e o arrependimento, se bem que tardio, viera por fim rehabilita-la? Amava por ventura pela primeira vez a um homem? ou procurava, á sombra d'esse amor duplamente criminoso, adquirir novos titulos aos triumphos de sua vaidade?

Não o podemos dizer por ora.

IV

Como é singular o coração humano!

Ainda entre Pedro e Carolina se não havia trocado outra confiança além da que se estabelecêra por seu olhar, e já ambos tinham intima certeza da impressão que haviam causado um ao outro. Poucas horas antes inteiramente estranhos, sentiam agora os seus destinos ao menos momentaneamente ligados nas eventualidades da existencia.

Pedro era um d'esses homens privilegiados que tem o condão magnetico de dominar as almas com o fogo de seu olhar ardente, com a sympathica expressão de sua physionomia, com a delicadeza de seus modos, o timbre de sua voz agradável, e sobretudo com os recursos inesgotaveis de sua imaginação fecunda e brilhante, que lhe dava um ascendente notavel em qualquer circulo em que apparecia, tanto entre seus amigos como entre aquelles que o vião pela primeira vez.

Moço talentoso, distincto pelo seu porte varonil, cercado por essa aureola de prestigio que por toda a parte acompanha o homem superior, contava seguro ao menos com a influencia que exerceria na alma de Carolina; pois conhecia que entre os seus competidores, cujo numero não era pequeno, e alguns dos quaes já mais ou menos conhecemos, nem um lhe podia fazer face ou disputar a victoria.

Ella, pelo seu lado, dispunha de meios não menos poderosos. Conhecia, mulher tentadora, o dominio que exercia no coração dos homens impressionaveis.

A' rara perfeição de sua belleza physica, ao irresistivel encanto de suas formas voluptuosas, juntava todos os requintes da arte, a sciencia de todos os philtros envenenadores dos sentidos, essa alchimia fatal das paixões diabolicas, que a tornavão rival de Marion e de Borgia, e lhe assignalavão um lugar irrecusavel entre os typos profundamente corrompidos, mas reaes e verdadeiros, das mulheres de Brantôme.

As peripecias d'esta historia vão mostrar em breve qual foi o resultado do encontro d'estas duas existencias.

V

Não sabemos a que hora Pedro poudo nesta noite conciliar o somno, nem mesmo se o conseguiu. No dia seguinte de manhã estava já de pé, mais descorado e abatido, porém reservado e silencioso.

De vez em quando passeava agitado, e passava de repente a mão pelos cabellos, como quem procura desviar um pensamento que o persegue, ou sentava-se em um sofá, respondendo com sorriso indifferente ás interrogações que lhe dirigião.

Alguns amigos que o visitárão nesse dia encontrarão, entre os papeis que estavam sobre uma mesa que lhe servia de secretaria, uma folha destacada onde se lião alguns versos, frementes ainda da inspiração que os dictára, e da paixão impetuosa que, como um incendio, se ateava em seu coração.

VI

Todos os amigos de Pedro o estranhárão no dia seguinte áquelle cujas scenas acabamos de descrever ao leitor, pela revolução que tão subitamente havia transformado o seu character.

Já não era o mesmo companheiro.

Espirituoso, folgazão e alegre até então, distrahindo a todos com a sua conversação variada, rindo com ironia cavalheiresca dos typos singulares que o rodeavão, analysando com fino criterio as scenas de costumes novos para elle que todos os dias se offerecião á sua curiosidade, Pedro, no pouco tempo que residia neste lugar, onde o levárão suas viagens scientificas e aventurezas pelo interior do paiz, tornára-se, sobretudo pelo modo com que sabia respeitar todas as conveniencias, o idolo das pessoas importantes da cidade, e velhos e moços o estimavão a ponto que não havia divertimento ou festa para que não fosse convidado.

Era pois esta a primeira vez que o vião taciturno e insociavel.

Pedro esperava a tarde com anxiedade... Nunca o dia lhe parecêra tão longo!...

Estava combinado que, como na noite anterior, todos voltarião á casa de Carolina, hora em que ella recebia as pessoas de sua amizade com a franqueza e agrado de que já fomos testemunhas.

Pedro, por um d'esses inexplicaveis e quasi sempre fataes impulsos do co-

ração, sentia-se impellido por uma attracção irresistivel para o lado d'aquella mulher, como o homem nervoso que contempla um abysmo e sente o infernal desejo de se precipitar no turbilhão que lhe ruge no fundo.

VII

Depois de um curto passeio pelas differentes ruas da cidade, encaminharão-se os tres companheiros para aquella onde existia a pittoresca casinha que já os leitores conhecem, perto da formosa aléa de camarinhas, que estavam immoveis e socegadas, sem que o mais leve sopro da briza as agitasse nos ares.

Chegarão ao ponto desejado.

Carolina, depois de haver feito esperar alguns minutos as visitas, appareceo finalmente na sala.

Estava deslumbrante!

Seus cabellos, penteados em longos bandós, estavam envolvidos em uma rede enfeitada com perolas, que lhe dava semelhança com essas rainhas da Escocia cujo retrato nos desenhou com mão de mestre o celebre romancista inglez.

Um vestido de seda côr de lilaz, elegantemente apertado na cintura, deixava a descoberto suas espadoas de um alvor rutilante, e o arfar voluptuoso do seio, que em seus movimentos provocadores vencia no encanto a formosura das bacchantes e o ideal d'Aspasia.

Depois de haver cumprimentado a todos, apertou com um sorriso mais gracioso a mão de Pedro, e foi sentar-se junto ao Sr. Sarmiento, a quem esta preferencia pareceo de certo modo lisongear o amor proprio.

Pedro conheceo em um volver d'olhos, no rosto de Carolina, os signaes visíveis da insomnia.

Seria o soffrimento ou a paixão que havia desbotado de um dia para o outro as faces d'esta mulher, em cujos olhos soberbos brilhava todo o fogo com que o sangue meridional alimenta a vida da crioula americana?

— Pensámos não ter o prazer de encontra-la em casa, disse o Sr. Sarmiento. Vimos todas as janellas fechadas : cuidei que tinha ido passear.

— Não... Poucas vezes saio d'aqui, onde passo uma vida bem insipida e monotona, respondeo Carolina olhando para Pedro, que em uma das extremidades da sala conversava com o Dr. Silva.

— Pois muitas vezes, acrescentou Sarmiento, quando vejo as janellas fechadas, suppondo que não está em casa, deixo de bater... e tambem porque receio encontrar alguem a quem a minha visita desagrade...

— As minhas visitas, interrompeo Carolina corando subitamente, não tem a quem desagradar, porque só entrão aqui por minha boa vontade...

— É assim; mas ás vezes...

— Eu só obedego a minha mãi... Fóra d'esta, ainda não conheci até hoje influencia capaz de me dominar... murmurou Carolina com a voz ligeiramente tremula.

— Oh! e eu que a conheço por experiencia, contestou o Sr. Sarmiento rindo e esfregando as mãos.

— Todos tem a vaidade de me conhecer, e creio que bem poucos o poderão conseguir, continuou Carolina; e no em tanto é sempre a minha ingenuidade que me tem perdido...

— Perdido! proseguio o Sr. Sarmiento... A Sra. é das poucas mulheres felizes. Todos lhe querem, e despreza a todos, tornando-se tanto mais orgulhosa quanto os vê mais humildes, rendidos e captivos a seus pés.

— É bondade sua. Os meus captivos, se os tenho, prendo-os com laços de flores; e como a cadeia é fragil, elles libertão-se logo...

— Creio que não é a fragilidade da cadeia; é antes o número dos captivos que não póde abarcar! disse Pedro, que passeava pela sala de braço com o Dr. Silva, e neste instante parou junto de Carolina.

— Ah! não sabia que estava dando attenção á nossa conversa... murmurou Carolina sorrindo e mostrando-se ligeiramente surprehendida.

— Eu ouço e vejo tudo, minha Sra., e até ás vezes adivinho...

— Então em que pensava eu agora?

— Quer que lhe diga ao ouvido?

Carolina hesitou um momento e respondeo :

— Quero.

Pedro unio quasi a bocca a seu rosto e lhe disse em segredo :

— Pensa como atrás de seu carro de triumpho ha de arrastar mais um vencido...

— Embora seja um rei?

— Embora, porque um rei tambem póde ser um martyr.

Pedro afastou-se de Carolina e continuou a passear com o Dr. Silva, em quanto os dous reatavão a conversação por um momento interrompida.

— Vejão como os poetas são afortunados! até adivinhão! proseguio o Sr. Sarmiento.

— O Sr. é muito malicioso... acudio Carolina rindo, e olhando para os dous que passeavão. A's cousas mais innocentes é capaz de prestar uma intenção que não tem.

Em quanto os dous proseguirão nesta conversa, Pedro continuava a passear com o doutor, e este lhe dizia :

— Eu conheço estas mulheres. Ainda não ha muito tempo que um amigo meu acaba de ser victima da infamia de uma d'ellas. Quando pensou que a tinha regenerado á custa de seus desvelos e sacrificios, ella foi entregar-se com a mais negra ingratição ao maior de seus inimigos... Isto é uma tribu condemnada, a quem Deos negou a consciencia, a virtude, e todos os affectos do coração humano.

— Mas quem sabe se esse homem tinha a força, a vontade, a energia bastante para dominar o coração d'essa mulher? perguntou Pedro.

— Era nobre e generoso, moço e intelligente. Gastou com ella a sua fortuna, poz em risco a sua reputação, inimizou-se com seus parentes e amigos, e quando julgou que tinha restituído á sociedade uma mulher regenerada, vio escapar-se-lhe das mãos uma Messalina dissoluta, que, como o cerdo, desprezou as perolas com que a adornavão, para se revolver no lodo... E no em tanto parecia um anjo de candura!... Traição e mentira, cobardia e infamia, eis o que se encontra no fundo d'essa taça de prazer impuro que estas mulheres nos offerecem enfeitada com flores!... E é por isso, continuou elle mais lentamente, que, quando vejo um homem honesto, de intelligencia e character elevado, impressionar-se por uma d'estas indignas estatuas de marmore, eu tomo o papel, talvez ridiculo, de moralista importuno, para lhe bradar a todos os momentos : Cuidado!... A serpente quanto mais se enrosca á victima e a sente mais segura, é então que lhe inocula o veneno mortal, para assistir depois impassivel ás contorsões horriveis de sua agonia!... Recue, meu amigo; ainda é tempo; á manhã será já tarde... É uma mulher bonita e não passa d'isso!... Ha tantas que o são, e honestas!...

— Impossivel! tornou Pedro. Creio em mim, na minha força de vontade, na santidade do meu pensamento, na pureza de minhas intenções. Em todos os actos de minha vida parece que um destino providencial me guia... Salvar a alma, purificar o coração de uma mulher, seja qual fôr a classe ou a condição a que pertença, é uma nobre missão do homem!... Posso cair na luta, estalar de dôr, succumbir mesmo... embora!... Quando um sentimento como este, subito e espontaneo, entra em um coração ardente e impressionavel, só se arranca com a existencia...

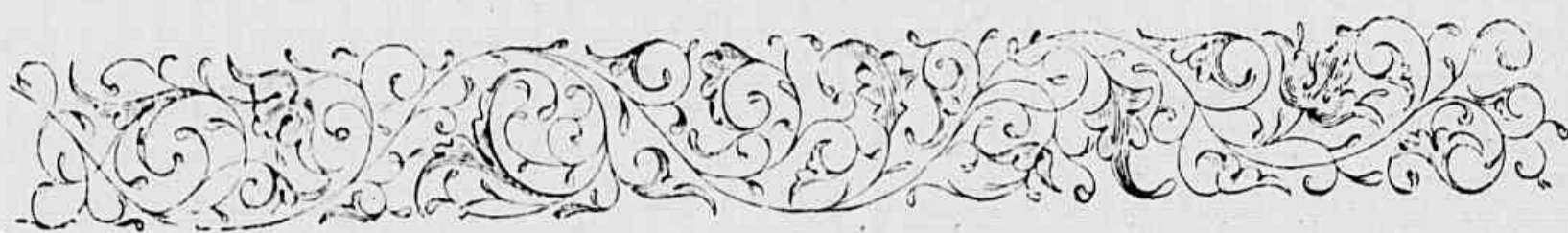
— Bem... Eu o lamento, porque aprecio o seu talento e as suas nobres qualidades; porém como não consigo desvia-lo de sua temeraria e inutil resolução, póde ser que um dia — e quem sabe se está longe? — tenha de enxugar as suas lagrimas, procurando arrancar da ferida a lamina do punhal que com tanta imprudencia deixa enterrarem-lhe no coração!...

- Doutor, acredita que esta mulher tem alma?
— Não. Tem só o instinto, e o instinto do mal.
— Quem poderá então salva-la?
— Só Deos, por um milagre.
— E porque não será esse milagre o amor?

STELLO.

— *Continuar-se-ha.* —





FREI SIMÃO



rei Simão era um frade da ordem dos Benedictinos. Tinha, quando morreo, cincoenta annos em apparencia, mas na realidade trinta e oito. A causa d'esta velhice prematura derivava da que o levou ao claustro na idade de trinta annos, e, tanto quanto se pôde saber por uns fragmentos de Memorias que elle deixou, essa causa era das mais justas.

Era Fr. Simão de character taciturno e desconfiado. Passava dias inteiros na sua cella, d'onde apenas sahia na hora do refeitorio e dos officios divinos. Não contava amizade alguma no convento, porque não era possivel entreter com elle os preliminares que fundão e consolidão as affeições.

Em um convento, onde a communhão das almas deve ser mais prompta e mais profunda, Fr. Simão parecia fugir á regra geral. Um dos noviços poz-lhe alcunha de *urso*, que lhe ficou, mas só entre os noviços, bem entendido. Os frades professos, esses, apesar do desgosto que o genio solitario de Fr. Simão lhes inspirava, sentião por elle certo respeito e veneração.

Um dia annuncia-se que Fr. Simão adoeçera gravemente. Chamárão-se os soccorros e prestou-se ao enfermo todos os cuidados necessarios. A molestia era mortal : depois de cinco dias Fr. Simão expirou.

Durante estes cinco dias de molestia, a cella de Fr. Simão esteve cheia de frades. Fr. Simão não disse uma palavra durante esses cinco dias ; só no ultimo, quando se approximava o minuto fatal, sentou-se no leito, fez chamar

para mais perto o abbade, e disse-lhe ao ouvido com voz suffocada e em tom estranho :

— Morro odiando a humanidade!

O abbade recuou até á parede ao ouvir estas palavras, e no tom em que forão ditas. Quanto a Fr. Simão, cahio sobre o travesseiro e passou á eternidade.

Depois de feitas ao irmão finado as honras que se lhe devião, a communi-
dade perguntou ao seu chefe que palavras ouvira tão sinistras que o assustá-
rão. O abbade referio-as, persignando-se. Mas os frades não virão nessas pala-
vras senão um segredo do passado, sem duvida importante, mas não tal que
podesse lançar o terror no espirito do abbade. Este explicou-lhes a ideia que
tivera quando ouvio as palavras de Fr. Simão, no tom em que forão ditas, e
acompanhadas do olhar com que o fulminou : acreditára que Fr. Simão esti-
vesse doudo; mais ainda, que tivesse entrado já doudo para a ordem. Os habitos
da solidão e taciturnidade a que se votára o frade parecião symptomas de uma
alienação mental de caracter brando e pacifico; mas durante oito annos pa-
recia impossivel aos frades que Fr. Simão não tivesse um dia revelado de
modo positivo a sua loucura; objectárão isso ao abbade; mas este persistia na
sua crença.

Entretanto procedeo-se ao inventario dos objectos que pertencião ao finado,
e entre elles achou-se um rolo de papeis convenientemente enlaçados, com
este rotulo : « *Memórias que ha de escrever Fr. Simão de Santa Agueda, frade
benedictino.* »

Este rolo de papeis foi um grande achado para a comunidade curiosa.
Ião finalmente penetrar alguma cousa no véo mysterioso que envolvia o pas-
sado de Fr. Simão, e talvez confirmar as suspeitas do abbade.

O rolo foi aberto e lido perante todos.

Erão, pela maior parte, fragmentos incompletos, apontamentos truncados
e notas insufficientes; mas de tudo junto pode-se colher que realmente
Fr. Simão estivera louco durante certo tempo.

O autor d'esta narrativa despreza aquella parte das Memorias que não tiver
absolutamente importancia; mas procura aproveitar a que fôr menos inutil
ou menos obscura.

As notas de Fr. Simão nada dizem do lugar do seu nascimento nem do nome
de seus pais. O que se pode saber dos seus principios é que, tendo concluido

os estudos preparatorios, não poude seguir a carreira das lettras, como desejava, e foi obrigado a entrar como guarda-livros na casa commercial de seu pai.

Morava então em casa de seu pai uma prima de Simão, orphãa de pai e mãe, que havião por morte deixado ao pai de Simão o cuidado de a educarem e manterem. Parece que os cabedaes d'este derão para isto. Quanto ao pai da prima orphãa; tendo sido rico, perdèra tudo ao jogo e nos azares do commercio, ficando reduzido á ultima miseria.

A orphãa chamava-se Helena; era bella, meiga e extremamente boa. Simão, que se educára com ella, e juntamente vivia debaixo do mesmo tecto, não poude resistir ás elevadas qualidades e á belleza de sua prima. Amárão-se. Em seus sonhos de futuro contavão ambos o casamento, cousa que parece o mais natural do mundo para corações amantes.

Não tardou muito que os pais de Simão descobrissem o amor dos dous. Ora é preciso dizer, apesar de não haver declaração formal d'isto nos apontamentos do frade, é preciso dizer que os referidos pais erão de um egoismo descommunal. Davão de boa vontade o pão da subsistencia a Helena; mas lá casar o filho com a pobre orphãa é que não podião consentir. Tinhão posto a mira em uma herdeira rica, e dispunhão de si para si que o rapaz se casaria com ella.

Uma tarde, como estivesse o rapaz a adiantar a escripturação do livro mestre, entrou no escriptorio o pai com ar grave e risonho ao mesmo tempo, e disse ao filho que largasse o trabalho e o ouvisse. O rapaz obedeceo. O pai fallou assim :

— Vais partir para a provincia de ***. Preciso mandar umas cartas ao meu correspondente Amaral, e, como sejam ellas de grande importancia, não quero confia-las ao nosso deixado correio. Queres ir no vapor ou preferes o nosso brigue?

Esta pergunta era feita com grande tino.

Obrigado a responder-lhe, o velho commerciante não dera lugar a que seu filho apresentasse objecções.

O rapaz enfiou, abaixou os olhos e respondeo :

— Vou onde meu pai quizer.

O pai agradeceo mentalmente a submissão do filho, que lhe poupava o dinheiro da passagem no vapor, e foi muito contente dar parte á mulher de que o rapaz não fizera objecção alguma.

Nessa noite os dous amantes tiverão occasião de encontrar-se a sós na sala de jantar.

Simão contou a Helena o que se passára. Chorárão ambos algumas lagri-

mas furtivas, e ficarão na esperança de que a viagem fosse de um mez, quando muito.

A' mesa do chá, o pai de Simão conversou sobre a viagem do rapaz, que devia ser de poucos dias. Isto reanimou as esperanças dos dous amantes. O resto da noite passou-se em conselhos da parte do velho ao filho sobre a maneira de portar-se na casa do correspondente. A's dez horas, como de costume, todos se recolhêrão aos aposentos.

Os dias passarão-se de pressa. Finalmente raiou aquelle em que devia partir o brigue. Helena sahio de seu quarto com os olhos vermelhos de chorar. Interrogada bruscamente pela tia, disse que era uma inflammação adquirida pelo muito que lêra na noite anterior. A tia prescreveo-lhe abstenção da leitura e banhos de agua de malvas.

Quanto ao tio, tendo chamado Simão, entregou-lhe uma carta para o correspondente, e abraçou-o. A mala e um criado estavam promptos. A despedida foi triste. Os dous pais sempre chorarão alguma cousa, a rapariga muito.

Quanto a Simão, levava os olhos seccos e ardentes. Era refractario ás lagrimas ; por isso mesmo padecia mais.

O brigue partio. Simão, em quanto poudo ver terra, não se retirou de cima ; quando finalmente se fechárão de todo as *paredes do carcere que anda*, na phrase pittoresca de Ribeyrolles, Simão desceo ao seu camarote, triste e com o coração apertado. Havia como um presentimento que lhe dizia interiormente ser impossivel tornar a ver sua prima. Parecia que ia para um degredo.

Chegando ao lugar do seu destino, procurou Simão o correspondente de seu pai e entregou-lhe a carta. O Sr. Amaral leo a carta, fitou o rapaz, e, depois de algum silencio, disse-lhe, volvendo a carta :

— Bem, agora é preciso esperar que eu cumpra esta ordem de seu pai. Entretanto venha morar para a minha casa.

— Quando poderei voltar ? perguntou Simão.

— Em poucos dias, salvo se as cousas se complicarem.

Este salvo, posto na bocca de Amaral como incidente, era a oração principal. A carta do pai de Simão versava assim :

« Meu caro Amaral,

« Motivos ponderosos me obrigão a mandar meu filho d'esta cidade. Retenha-o
« por lá como poder. O pretexto da viagem é ter eu necessidade de ultimar
« alguns negocios com Vossê, o que dirá ao pequeno, fazendo-lhe sempre crer
« que a demora é pouca ou nenhuma. Vossê, que teve na sua adolescencia a

« triste ideia de engendrar romances, vá inventando circumstancias e occurencias emprevistas, de modo que o rapaz não me torne cá antes de segunda ordem. Sou, como sempre, » etc.

III

Passarão-se dias e dias, e nada de chegar o momento de voltar á casa paterna. O ex-romancista era na verdade fertil, e não se cansava de inventar pretextos que deixavão convencido o pobre rapaz.

Entretanto, como o espirito dos amantes não é menos engenhoso que o dos romancistas, Simão e Helena acharão meio de se escreverem, e d'este modo podião consolar-se da ausencia, com presença das lettras e do papel. Bem diz Heloisa que a arte de escrever foi inventada por alguma amaute separada do seu amante. Nestas cartas juravão-se os dous sua eterna fidelidade.

No fim de dous mezes de espera baldada e de activa correspondencia, a tia de Helena surprehendeo uma carta de Simão. Era a vigesima, creio eu. Houve grande temporal em casa. O tio, que estava no escriptorio, sahio precipitadamente e tomou conhecimento do negocio. O resultado foi proscreever de casa tinta, pennas e papel, e instituir vigilancia rigorosa sobre a infeliz rapariga.

Começarão pois a escassear as cartas ao pobre deportado. Inquirio a causa d'isto em cartas choradas e compridas; mas como o rigor fiscal da casa de seu pai adquiria proporções descommunes, acontecia que todas as cartas de Simão ião parar ás mãos do velho, que, depois de apreciar o estylo amoroso de seu filho, fazia queimar as ardentes epistolas.

Passarão-se dias e mezes. Carta de Helena, nenhuma. O correspondente ia esgotando a veia inventadora, e já não sabia como reter finalmente o rapaz.

Chega uma carta a Simão. Era lettra do pai. Só differença das outras que recebia do velho em ser esta mais longa, muito mais longa. O rapaz abriu a carta, e leo tremulo e pallido. Contava nesta carta o honrado commerciante que a Helena, a boa rapariga que elle destinava a ser sua filha casando-se com Simão, a boa Helena tinha morrido. O velho copiára algum dos ultimos necrologios que víra nos jornaes, e ajuntára algumas consolações de casa. A ultima consolação foi dizer-lhe que embarcasse e fosse ter com elle.

O periodo final da carta dizia :

« Assim como assim, não se realizão os meus negocios; não te pude casar com Helena, visto que Deos a levou. Mas volta, filho, vem; poderás conso-

« lar-te casando com outra, a filha do conselheiro ***. Está moça feita e é
« um bom partido. Não te desalentes; lembra-te de mim. »

O pai de Simão não conhecia bem o amor do filho, nem era grande aguia para avalia-lo, ainda que o conhecesse. Dôres taes não se consolão com uma carta nem com uma filha de conselheiro. Era melhor manda-lo chamar, e depois preparar-lhe a noticia; mas dada assim friamente em uma carta, era expôr o rapaz a uma morte certa.

Não foi certa, foi contraria a de Simão. Ficou vivo em corpo, mas morreo moralmente, tão morto que por sua propria ideia foi d'ali procurar uma sepultura. Era melhor dar aqui alguns dos papeis escriptos por Simão relativamente ao que soffreo depois da carta; mas ha muitas falhas, e eu não quero estropiar a posição ingenua e misera do frade.

A sepultura que Simão escolheo foi um convento. Respondeo ao pai que agradecia a filha do conselheiro, mas que d'aquelle dia em diante pertencia ao serviço de Deos.

O pai ficou maravilhado. Nunca suspeitou que o filho pudesse vir a ter semelhante resolução. Escreveo ás pressas para ver se o desviava da ideia; mas não pode conseguir.

Quanto ao correspondente, para quem tudo se embrulhava cada vez mais, deixou o rapaz seguir para o claustro, disposto a não figurar em um negocio do qual nada realmente sabia.

IV

Fr. Simão de Santa Agueda foi obrigado a ir á provincia natal em missão religiosa, tempos depois dos factos que acabo de narrar.

Preparou-se e embarcou.

A missão não era na capital, mas no interior. Entrando na capital, pareceo-lhe dever ir visitar seus pais. Estavão mudados physica e moralmente. Era com certeza a dôr e o remorso de terem precipitado seu filho á resolução que tomou. Tinhão vendido a casa commercial e vivião de suas rendas.

Recebêrão o filho com alvoroço e verdadeiro amor. Depois das lagrimas e das consolações, vierão ao fim da viagem de Simão.

— A que vens tu, meu filho?

— Venho cumprir uma missão do sacerdocio que abracei. Venho prégar, para que o rebanho do Senhor não se arrede nunca do bom caminho.

— Aqui na capital?

— Não, no interior. Começo pela villa de ***.

Os dous velhos estremecêrão; mas Simão nada vio. No dia seguinte partio Simão, não sem algumas instancias de seus pais para que ficasse. Notárão elles que seu filho nem de leve tocára em Helena. Tambem elles não quizerão magoa-lo fallando em tal assumpto.

D'ahi a dias, na villa de que fallára Fr. Simão, era um alvoroço para ouvir as predicas do missionario.

A velha igreja do lugar estava atopetada de povo.

A' hora annunciada, Fr. Simão subio ao pulpito e começou o discurso religioso. Metade do povo sahio aborrecido no meio do sermão. A razão era simples. Avezado á pintura viva dos caldeirões de Pedro Botelho e outros pedacinhos de ouro da maioria dos prégadores, o povo não podia ouvir com prazer a linguagem simples, branda, persuasiva, a que servião de modelo as conferencias do fundador da nossa religião.

O prégador estava a terminar, quando entrou apressadamente na igreja um par, marido e mulher: elle, honrado lavrador, meio remediado com o sitio que possuia e a boa vontade de trabalhar; ella, senhora estimada por suas virtudes, mas de uma melancolia invencivel.

Depois de tomarem agua benta, collocárão-se ambos em lugar d'onde podessem ver facilmente o prégador.

Ouvio-se então um grito, e todos corrêrão para a recémchegada, que acabava de desmaiar. Fr. Simão teve de parar o seu discurso, em quanto se punha termo ao incidente. Mas, por uma aberta que a turba deixava, poudo elle ver o rosto da desmaiada.

Era Helena.

No manuscripto do frade ha uma serie de reticencias dispostas em oito linhas. Elle proprio não sabe o que se passou. Mas o que se passou foi que, mal conhecêra Helena, continuou o frade o discurso. Era então outra cousa: era um discurso sem nexo, sem assumpto, um verdadeiro delirio. A consternação foi geral.

V

O delirio de Fr. Simão durou alguns dias. Graças aos cuidados, poudo melhorar, e pareceo a tódos que estava bom, menos ao medico, que queria continuar a cura. Mas o frade disse positivamente que se retirava ao convento, e não houve forças humanas que o detivessem.

O leitor comprehende naturalmente que o casamento de Helena fôra obrigado pelos tios.

A pobre senhora não resistio á commoção. Dous mezes depois morreo, deixando inconsolavel o marido, que a amava com veras.

Fr. Simão, recolhido ao convento, tornou-se mais solitario e taciturno. Restava-lhe ainda um pouco da alienação.

Já conhecemos o acontecimento de sua morte e a impressão que ella causára ao abbade.

A cella de Fr. Simão de Santa Agueda esteve muito tempo religiosamente fechada. Só se abriu, algum tempo depois, para dar entrada a um velho secular, que por esmola alcançou do abbade acabar os seus dias na convivencia dos medicos da alma. Era o pai de Simão. A mãe tinha morrido.

Foi crença, nos ultimos annos da vida d'este velho, que elle não estava menos doudo que Fr. Simão de Santa Agueda.

M. A.





HISTORIA

D. FRANCISCA DE SANDE

ou

A EPIDEMIA DE 1686 NA BAHIA



Corria o anno de 1686, e terrivel epidemia, conhecida pelo nome de *bicha*, flagellava a capital do Brasil, depois de haver devastado as duas principaes povoações de Pernambuco.

Algumas barricas de carne em estado de putrefacção, trazidas de S. Thomé, derão origem ao contagio, para cuja debellação por muito tempo julgou-se impotente a medicina.

Governava a Bahia o marquez das Minas, descendente d'esse famoso Roberio Dias que annunciára ao rei d'Hispanha a existencia no Brasil de minas mais abundantes em prata do que as da Suecia em ferro; e D. Frei João da Madre de Deos empunhava o baculo, que D. Marcos Teixeira convertêra em gladio.

Pela vez primeira desmentida se vio a salubridade do nosso clima, onde, segundo o dizer de Damião de Góes, só se morria de velho. Precedeo o terror aos primeiros golpes da molestia, porque as noticias vindas de Pernambuco afeiavão ainda a tristeza e angustia da situação.

Contribuiu à posição elevada d'uma das primeiras victimas ¹ para lançar o desanimo numa população ignara de taes calamidades. Como em cidade tomada d'assalto, todos fugião, desamparando suas casas, suas fazendas, suas officinas; e apinhando-se nos templos, imploravão do Senhor das misericordias a cessação de tão horrivel mal.

Diversos erão os symptomas com que se elle manifestava : em uns era um calor tepido e pulso socegado; em outros, ancias e delirios; esse cahia com lancinantes døres de cabeça, aquelle com violentissima febre, aquelle outro com atrocissimas contersões.

Cheias estavão as casas de moribundos; as igrejas abundavão em cadaveres, e as ruas em tumbas. Numa cidade tão religiosa como a da Bahia, faltava quem acompanhasse o Santissimo Sacramento, que, quasi ás occultas, levavão os parochos ás desoladas familias.

Na hora de provação, dignos de sua elevada hierarchia mostrarão-se o governador e o arcebispo. O marquez das Minas franqueou a sua bolsa em bem dos pobres, trocou o palacio pelo alvergue do mendigo, e mostrou-se verdadeiramente grande soccorrendo aos pequenos. D. Frei João da Madre de Deos, esquecendo suas enfermidades e crescidos annos, emulou com os parochos na administração dos sacramentos, fez ouvir a palavra evangelica na cabeceira do agonisante, reconciliou os peccadores com o céo, e, como o guerreiro intrepido, assignalou a sua presença onde mais ferida andava a peleja, onde mais serio era o perigo. De suas fadigas, de sua acrisolada dedicação, galardoou-o Deos, dando-lhe a mais gloriosa de todas as mortes, a do pastor que se sacrifica pelo seu rebanho.

Em honra de nossos antepassados cumpre que digamos que em tão apertado transe não houve quem deixasse de cumprir com o seu dever, por mais difficil e doloroso que fosse.

Como porém a igualdade não entra nas condições da vida humana, destacão-se d'esse grupo alguns heroes, e sobre elles uma heroína.

Queremos fallar de D. Francisca de Sande, matrona respeitavel pelas suas muitas virtudes e illustre ascendencia. Annos havia que, envolta no crepe da viuvez, desertára da sociedade selecta da capital para refugiar-se no gremio da familia, espargindo em torno de sua habitação o perfume da caridade.

Quando, carregada por dous possantes negros, via-se passar a sua cadeirinha, podia-se com afouteza assegurar que alguma devoção a levava á casa do Senhor, ou, conduzida pela caridade, apear-se-hia diante d'alguma rotula onde havião lagrimas para enxugar e beneficios por fazer.

¹ O desembargador João do Couto d'Andrada.

Aos primeiros assomos do contagio, correo D. Francisca de Sande em auxilio dos necessitados, ordenou a seus mórdomos que abastecessem de generos e medicamentos o Hospital da Misericordia, empregou seus escravos em abrir sepulturas e conduzir os mortos, e, não satisfeita com tantas obras de beneficencia, converteo sua esplendida residencia em hospital, cujo accesso era franqueado com o maior agodamento aos que mais desvalidos se mostrassem.

Criada no meio das grandezas e da opulência, deixou esta illustre dama todos os commodos da vida, transformou-se em irmã da caridade, e a qualquer hora do dia ou da noite era encontrada á cabeceira do enfermo que da sua assistencia mais necessitasse.

Generosa e magnanima, jámais medio sacrificios nem incommodos, jámais attendeo aos avultados cabedaes que despendia. Foi a providencia dos indigentes, o anjo da caridade enviado por Deos á consternada Bahia.

Com indeleveis caracteres ficou seu nome gravado na historia. Não faltárlhe os agradecimentos regios¹, e, o que mais vale, a gratidão do povo, que, segundo affirmão os chronistas, nunca passava pela sua residencia sem que respeitoso se descobrisse, como diante do tabernaculo da virtude.

¹ El-rei D. Pedro II mandou-lhe escrever uma honrosa carta, agradecendo-lhe os relevantes serviços que por occasião da epidemia prestára á população da sua boa cidade da Bahia.

J. C. FERNANDES PINHEIRO.





MOSAICO

EIS O QUE RESTA....



meus olhos se fitarão naquêlle vulto immovel que alvejava aos reflexos amortecidos dos brandões.

Era um cadaver...

Ainda hontem, em meio das grandezas e dos ouropeis do mundo, tinha erguida a fronte, soberbo o porte, scintillante o olhar.

Ainda hontem o vento das paixões lhe contrahia o semblante, e açodado nas veias lhe corria generoso o sangue.

Depois, e hoje, a mão descarnada da morte lhe roçou a face, o som lugubre e fatal da eternidade souo-lhe aos ouvidos, a hora extrema bateo-lhe... é cadaver apenas!

E ali está deitado no feretro, a dormir esse somno que não tem despertar... Ahi está frio como o gelo, immovel como a pedra da campa, como a estatua de pedra que se vê sobre os mausoleos!...

Como é horrivel o aspecto da morte, meu Deos!... Como me comprime o coração!...

Aquelles olhos embaciados que nenhum movimento anima e nenhuma luz reflectem, aquelle semblante sem côr, aquelles labios frios e roxos, aquella rigidez de membros, e, sobre tudo isso, esse horror que esvoaça em torno da morte, esse silencio que eriça os cabellos e faz o suor cahir em bagas!...

Como é feia a morte!...

Vi-o morrer... Sobre o leito revolvia-se o misero em horrivel convulsão; os olhos, já tão fundos e meio vidrados, agitavão-se nas orbitas; a voz lhe estava presa nas fauces, e apenas feria-me os ouvidos esse som rouco e aspero, essa intonação agreste que é o preludio do estertor que se approxima.

Nas palpebras despontou-lhe uma lagrima, que tremeo um instante, depois desceo-lhe pela face fria, e foi cahir nas dobras do travesseiro.

Ouvia-se o murmurar surdo de um gemido, do grito comprimido de uma dor profunda; mas logo começou o estertor da agonia...

Era a luta, mas terrivel, mas implacavel, sem interrupção e sem treguas, entre a vida que se esvaecia, que ia sahindo a cada contracção dos musculos, a cada soluçar do misero, e a morte que vinha segurar a presa...

Erão os ultimos, mas heroicos esforços da alma para conservar a posse d'esse corpo em que por tantos annos vivèra... erão os extremos arrancos d'esse corpo alquebrado e sem forças, que lutava e se debatia ainda...

E continuou por algum tempo...

Mudo e horrorisado assisti a esse combate travado entre a vida e a morte. Vi a esta ir pouco e pouco triumphando; acompanhei-lhe os progressos, segui-lhe os passos, e depois o moribundo ergueo-se meio corpo, em uma derradeira convulsão estendeo os braços, revirou os olhos, escancarou medonha a bocca, soltou um gemido, um suspiro arrancado do intimo do peito; nova lagrima lhe brilhou nos olhos, como a derradeira expressão de saudade mandada á terra; depois tombou a cabeça, deixou cahir pesados e desfallecidos os braços, murmurou um gemido, mas tão baixo que mal pude ouvi-lo...

Era já um cadaver!...

Tão depressa, meu Deos!... Como é rapida essa transição solemne!... Como é horrivel a morte!... Como é medonha essa luta!

Ahi está elle, cadaver já... Estão rigidos os membros como o marmore, immoveis e frios como a estatua de pedra collocada sobre o mausoléu.

Brandões acesos reflectem pallida e lugubre luz naquelle semblante decomposto e livido; depois entrão os padres; e recitão em torno do foretro essas lamentações plangentes e tristes, esses suspiros sentidos do propheta, esses ais doridos que tanto se casão com a tristeza da morte.

E elle, que ainda hontem, no meio das grandezas e dos europeis do mundo, tinha erguida a fronte, altivo o porte, e scintillante o olhar, vai ser hoje, dentro de algumas horas, pasto de vermes que lhe devorarão os membros, vai sentir o frio da terra, vai envolver-se no silencio, nas trevas e no horror do tumulo!...

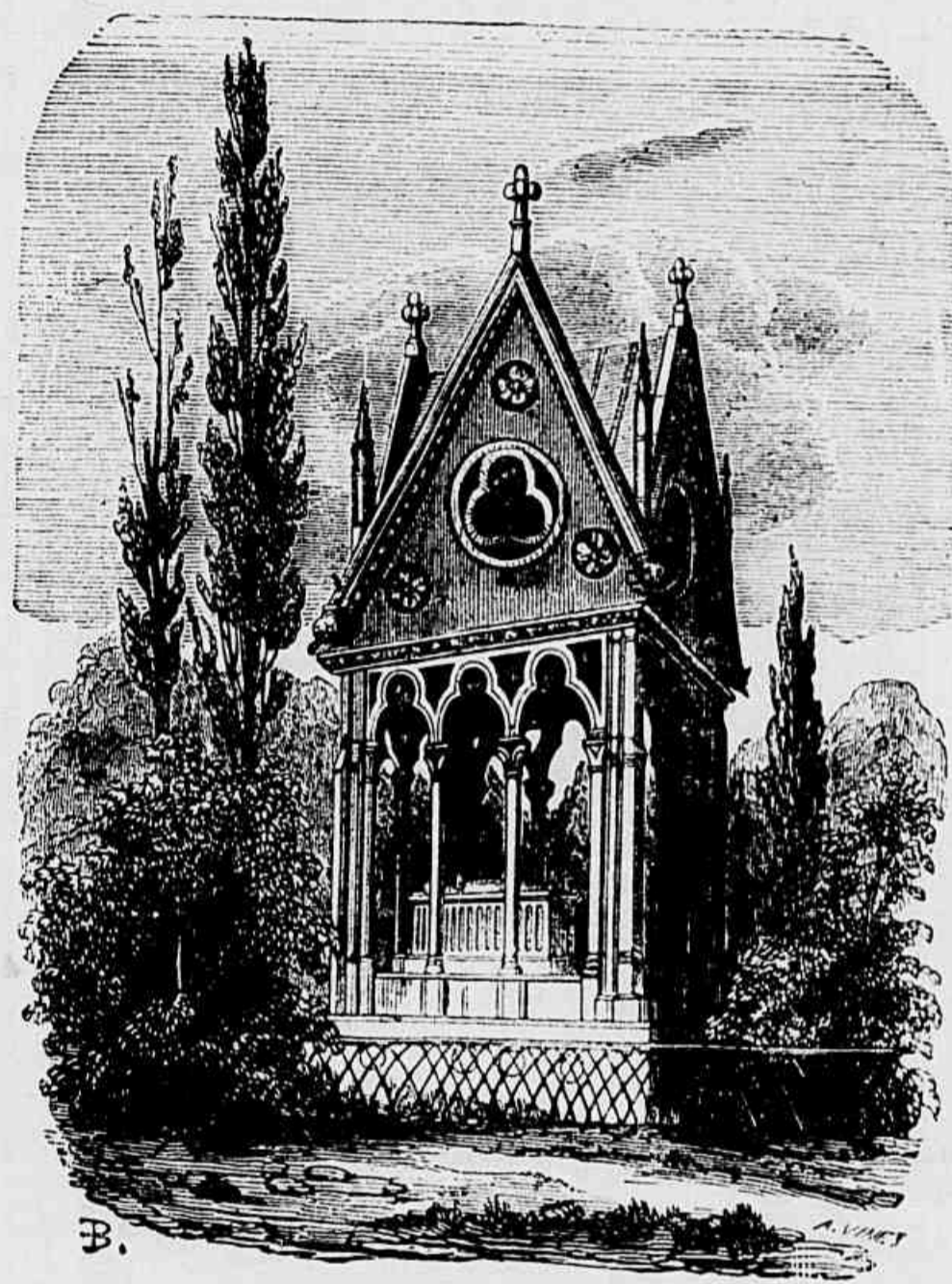
Cadaver, podridão, terra, nada!...

Quanta lição não ha ahi no meditar do tumulo, no contemplar do cadaver!...

Tanta vaidade na vida, tanta grandeza, tanto orgulho!... e depois, ao sopro gelado do Archanjo da Morte, esvaece-se a vida, e apenas resta um corpo inanimado e frio que horrorisa os vivos!...

Mais tarde, um pouco de terra, uma cruz e um cypreste... eis o que resta do homem!...

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.





POESIA

VENUS

Vem, minha estrella, que te espero ancioso,
Astro garboso a irradiar no céo;
Vem, rutilante, a despargir venturas,
Lá nas alturas a fulgir sem véo.

Amo-te ao ver-te encantadora e bella,
O' minha estrella, corpo que seduz;
Contemplativo olho-te, mimosa,
Qual mariposa que procura a luz.

Venus esbelta, que no espaço infindo,
De aspecto lindo, vens amor saudar,
Oh! como, ao ver-te, tão feliz me sinto
Quando presinto tua luz brilhar!

Ignea faisca, que minh' alma inflamma
Com essa chamma magnetisadora,
No azul ceeste quando te namoro,
De prazer choro, minha seductora.

Tu és a imagem do objecto amado
Que captivado tem minh' alma afflicta...
Parece, ao ver-te, que a meu seio aperto
Seu corpo esbelto, de belleza infinita.

Seu lindo rosto, sua tez mimosa,
Bocca graciosa de um gentil sorrir,
Negros cabellos, elegante porte,
Que num transporte faz amor sentir;

Terno carinho, que de amor captiva,
Que aos entes priva ao coração da calma :
Quem póde vê-la sem sentir d'amores
Suaves dôres que nos pungem nalma?...

GROSEB.





JORNAL DAS FAMILIAS

Junho de 1864



MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

Toilette de joven senhora. — Chapéo de filó branco franzido, com pluma branca e galho de rosa. Vestido de tafetá riscado, verde inglez. Na roda da saia, entremeio de *guipure* preta, tendo na beira um *tuyauté* de tafetá verde liso; em cima, põe-se um entremeio que tem de cada lado um *tuyauté* semelhante. Esta segunda guarnição forma largas ondulações. O mesmo enfeite repete-se no corpinho, nos hombros e na beira das mangas, que são estreitas e de cotovello. Mantelete de seda preta guarnecido de *ruches*.

Vestuario de menino. — Camisola curta de panno leve azul de França, abrindo-se ao vizez, debruada com uma tira do mesmo panno com vivo e botões de seda preta, e segura na cintura por um cinto redondo; mangas direitas, meio largas, com tira semelhante cobrindo a costura. Calças largas e direitas, um pouco curtas, guarnecidas tambem de uma tira avivada e ornada de botões. Pequenas botas russas de couro preto de cabrito, com borlas de seda azul. Barrete redondo de velludo preto, com pennacho de plumas azues.

Vestuario de menina. — Vestido de *popeline* cinzento claro; na roda da saia, tira enviezada de *popeline* escoceza, orlada com uma pequena passamanaria preta. Este vestido, de corpinho degotado, todo liso e sem mangas, traz-se com uma casaquinha aberta na frente, guarnecida com tiras enviezadas escocezas mais estreitas do que as do vestido; as mangas formão-se de fôfos divididos pelas mesmas tiras enviezadas. A casaquinha enfeita-se na frente com botões de borlas de passamanaria. No interior do corpinho, cami-

sinha de pregas levando no degote uma pequena guarnição bordada e recortada. Chapéo redondo, com beiras levantadas, de palha de Italia, com tiras enviezadas de velludo encarnado e plumas matizadas. Botinas cinzentas da côr do vestido. Para completar o vestuario, acrescenta-se-lhe uma murça redonda, do mesmo panno que o vestido, e tambem guarnecida ao redor com uma tira enviezada escoceza.

DESCRIPÇÃO DO FIGURINO DE ROUPA BRANCA E CHAPÉOS.

Nº 1. — Chapéo de filó branco franzido, enfeitado com uma meia grinalda de folhas avelludadas, e gottas de orvalho. Uma pluma branca encrespada sahe da beira e encurva-se sobre a *passé*; uma rosa de tafetá colloca-se debaixo das folhas; o interior do chapéo guarnece-se com franzidos de filó de Malines, semelhante ao que cobre o chapéo; *bavolet* e fitas de tafetá branco.

Nº 2. — Chapéo de escumilha azul. A escumilha colloca-se ao vize sobre a *passé*, franzida nos lados; na frente, tufo de hervas vernaes, seguro por um franzido de renda preta que se prende na beira e sobre a *calotte* com brochas de azeviche. O desenho exagera um pouco a forma d'este chapéo, que abaixa-se mais sobre a testa.

Nº 3. — Enfeite de cabeça para sarão. Tufo de renda preta e rosas, reunido por duas tiras de velludo roxo a um pequeno véo de renda preta franzida formando *cache-peigne*. É muito difficil dar graça a um modelo de enfeite de cabeça quando se apresenta isolado; mas este na verdade assenta muito bem.

Nº 4. — *Toilette* de menina para primeira communhão. Vestido de cassa branca. Em cima da bainha da saia, tres folhos *tuyautés* com intervallos iguaes; corpinho de pregas, com pequena murça quadrada formada de entremeios bordados, e rodeada de um estreito *tuyauté*; mangas estreitas guarnecidas da mesma maneira embaixo. Rede de seda branca, com guarnição de *ruche* recortada; cinto de tafetá branco, com pontas compridas, atado atrás. Comprido véo de filó de Bruxellas.

Nº 5. — Collarinho chato, de pontas, guarnecido com um entremeio bordado e com uma *guipure* de Veneza.

Nº 6. — Collarinho direito atrás, com pontas viradas, guarnecido de renda. Gravata de tafetá tendo uma franja nas pontas.

Nº 7. — Manga de cassa com tiras franzidas separadas por entremeios, e dobrado *tuyauté* no punho.

Nº 8. — Manga de punho alto, feito com pregas, enfeitada com fôfos de fita.



JORNAL DAS FAMILIAS

Junho de 1864

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde de camisa de dormir. — Para cortar-se este molde, collocar-se-ha o panno dobrado sobre a risca que marca o meio do corpo da camisa (nº 1), e cortar-se-hão as costas e a frente ao mesmo tempo. Vê-se pelo dobrado contorno do molde a differença que ha entre estas duas partes. Na frente formão-se cinco pregas; as riscas indicão a largura da prega dobrada, e o espaço entre cada prega. Guarnece-se tambem a frente da camisa com uma tira direita pespontada, sobre a qual fazem-se as casas. O nº 2 é a peça do hombro, e o nº 3 o collarinho. A manga (nº 5), um pouco larga, tem um punho direito (nº 4).

Este molde póde servir tambem para mandrião.

Nº 6. — Almofadinha. (*Ver os trabalhos.*)

Nº 7. — Guarnição para roda de saia. Ponto de relevo ou bordado inglez.

Nº 8. — A. B. Iniciaes. Ponto de relevo e recôrte.

Nº 9. — L. R. Iniciaes. Recôrte, *point de rose* e grãos em realce.

Nº 10. — Molde de enfeite de cabeça. (*Ver os trabalhos.*)

TRABALHOS

ABAT-JOUR.

Damos com este numero as duas ultimas partes do *abat-jour*, perfeita imitação de aquarella. O seu todo produz um lindissimo effeito. O *abat-jour* póde conservar-se durante o dia sobre o candieiro, como enfeite. De noite, quando a luz infiltra-se por entre as côres, ellas parecem um pouco desmaiadas. Evita-se facilmente este inconveniente; basta grudar no avesso de cada parte um pedaço de papel branco, recortado de modo que o medalhão do meio, de chão branco, não fique coberto; póde-se tambem pintar no avesso as partes verdes e roxas com as mesmas côres, porém mais escuras. Para armar-se o *abat-jour*, basta cobrir com um pouco de gomme a beira branca de cada parte, e reuni-las por meio d'esta gomme. Só a reunião da ultima parte é um pouco difficil.

É preciso que uma pessoa segure as cinco partes já grudadas do *abat-jour*, arredondando-as, enquanto outra pessoa estiver pondo por cima esta ultima parte.

PORTA-CARTAS. N° 4.

O nosso modelo, que recebemos de uma das melhores casas de Paris, era de pellica cinzenta, com applicações de velludo cor de purpura, rodeadas de cordão de ouro fino e adornadas com contas douradas. O nosso desenho representa-o reduzido de uma terça parte. As nossas leitoras podem preparar as applicações conforme o nosso modelo. É preferivel prende-las por um ponto de sobrecostura ao redor do que gruda-las. Cose-se depois o cordão de maneira que os pontos fiquem escondidos.

Bordão-se as florzinhas em ponto real; acrescentão-se no centro contas douradas, e colloca-se uma d'estas contas no meio de cada recôrte de velludo. Arma-se o porta-cartas sobre papelão um pouco forte, forra-se com tafetá, e rodeia-se com um cordão de passamanaria.

ENTREMEIO E GUARNIÇÃO DE TRANCELIM ENFEITADO (MIGNARDISE). N° 24 E 25.

Usa-se muito d'este genero de trabalho para rodas de saias e roupa branca de crianças. Toma-se *mignardise* branca, chamada *serpentina*, a qual é on-deada. Risca-se o desenho sobre um pedaço de papel que se alinhava depois em cima de um encerado ou de um papel mais forte. Cose-se depois, com pontos compridos, a *mignardise* sobre todos os contornos do desenho. Para o entremeio, n° 24, formão-se quatro carreiras com a *mignardise*; toma-se depois um crochet de aço muito fino e linha de Irlanda; entra-se o crochet na ponta de um dos dentes da *mignardise*, e faz-se uma malha simples, depois tres ou quatro malhas *chainettes* para chegar até á ponta de um dente da beira opposta; continua-se d'esta maneira, formando festões de malhas que prendem os dentes da *mignardise*; fazem-se as *chainettes* mais ou menos compridas, conforme o espaço que se tem de encher. Na guarnição, n° 25, em lugar de um trabalho de crochet, fazem-se pontos lançados e encruzados, com linha de Irlanda. Acabado o trabalho, descose-se a *mignardise*.

ESTRELLAS DE PONTO DE MEIA. N° 25.

Damos o modelo d'estas estrellas para aquellas das nossas assignantes que preferem o ponto de meia ao crochet. Podem servir para cobertas de almofadas,

véos de poltronas ou colchas. Cada estrella faz-se separada, não se trabalhando em roda, e fazendo-se só com duas agulhas. Forma-se primeiro a parte superior de cada raio, concluindo-se conforme vou explica-lo. Mas antes de tudo deve-se saber que, neste trabalho, os mates fazem-se sempre passando a malha que segue a ultima que se acaba de fazer por cima da seguinte, e deixando-se cahir esta, para fazer aquella que se fez passar por baixo.

Armão-se sete malhas sobre uma agulha.

1^a *Carreira*. — 7 malhas do direito.

2^a *Carreira*. — 4 malhas do avesso; 1 mate; 1 malha do avesso.

3^a *Carreira*. — 1 tomada sem fazer-se; 5 do direito.

4^a *Carreira*. — 3 do avesso; 1 mate; 1 do avesso.

5^a *Carreira*. — 1 sem fazer-se; 4 do direito.

6^a *Carreira*. — 2 do avesso; 1 mate; 1 do avesso.

7^a *Carreira*. — 1 sem fazer-se; 3 do direito.

8^a *Carreira*. — 1 do avesso; 1 mate; 1 do avesso.

9^a *Carreira*. — 2 mates, a fim de que não fique mais do que uma malha na agulha.

Armão-se então outras seis malhas, e repete-se sete vezes desde a primeira carreira, para ter-se a parte superior de oito raios em tudo; puxa-se a ultima malha do ultimo raio para alarga-la, e faz-se passar por dentro o novello para arrematar *; depois apanhão-se quatro malhas na beira direita do ultimo raio; 1 malha dentro do nó na ponta de cada carreira; fazem-se tres malhas do direito, diminue-se mais uma malha do direito, vira-se o trabalho, fazem-se tres malhas do avesso juntas formando uma só; vira-se o trabalho, faz-se do direito a malha que fica, passa-se a linha para diante da agulha, e repete-se desde o signal * para cada raio da estrella. Quando estão todos concluidos, fazem-se duas por duas, do avesso, todas as malhas que ficão na agulha, e a ultima sósinha; depois arremata-se, e corta-se a linha. Reune-se o ultimo ponto ao primeiro com um ponto de costura, no mesmo lugar em que os outros estão reunidos.

Entre estas estrellas collocão-se outras pequenas de quatro pontas, que se fazem da maneira seguinte: armão-se 6 malhas numa só agulha; 1^a *carreira*, 6 do avesso; 2^a *carreira*, 4 do direito, duas malhas juntas do direito; 3^a *carreira*, 1 sem fazer-se, 4 do avesso; depois diminue-se quatro vezes seguidas, como na outra estrella; apanha-se uma malha no fim, faz-se ella, 1 mate; depois armão-se outras cinco malhas, e repete-se a primeira carreira para cada uma das quatro pontas. Reune-se a primeira á ultima, e prendem-se as pontas aos raios das estrellas, como o indica o nosso desenho.

Faz-se este trabalho com agulhas de aço n^o 14, e com linha torcida, de 4 fios, n^o 50, para véos de poltronas, um pouco mais grossa para colchas.

ALMOFADINHA. N.º 6 DO VERSO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

Póde-se fazer de differentes maneiras o bordado d'esta almofadinha. O nosso modelo produzia um lindissimo effeito. O chão era de setim azul vivo. Os contornos da grega erão feitos com trancelim de ouro, as grades que estão dentro da grega com retroz preto, pontos lançados, seguros, nos lugares onde se encruzão, por pequenos pontos pespontados de fio de ouro; os cantos erão bordados em ponto real, muito em realce, de varios matizes de seda còr de couro; os botões de rosa de còres naturaes, tambem em ponto real.

Sendo a almofadinha branca, podem-se fazer os contornos em cordãozinho, os cantos em recôrte *point de rose*, os botões de rosa em ponto de relevo. Entre os contornos da grega faz-se-hão pontos de renda, ou forrar-se-hão com filó, e recortar-se-ha a cassa por cima. As iniciaes devem-se bordar em ponto de recôrte. Este bordado produzirá um lindissimo effeito sendo fornado com tafetá ou setim de còr. Poder-se-ha guarnecer a roda da almofadinha com uma renda de *filet* ou de ponto de meia.

ENFEITE DE CABEÇA PARA MOÇA. — PARA O MOLDE,
VER O N.º 10 DO VERSO.

O nosso molde póde servir para diversos generos de enfeites de cabeça, simples e bonitos, para moças.

Toma-se uma tira de filó preto teso; colloca-se ao vizez, dobrada, sobre o nosso molde, e corta-se, deixando-se dobras bastante largas. Precisar-se-ha augmentar ou diminuir o molde, conforme a cabeça. Toma-se depois fio de arame de tamanho regular, e enrola-se a beira do filó ao redor, de maneira que fique rodeado o molde. Toma-se uma tira enviezada de tafetá de cinco centimetros de largura, colloca-se sobre o filó, prende-se no meio na frente, formando uma prega de cada lado, e depois prende-se atrás. Formar-se-ha depois, para a frente, dous grossos tufos com argolas de fitas de dous centimetros de largura, ou com uma tira de tafetá recortado. No caso de escolher-se a fita, corta-se um pequeno redondo de filó teso; cosem-se tres argolas em pé no meio, e rodeiãõ-se estas com outras até ficar o tufo bastante grosso; empregando-se, pelo contrario, tafetá recortado, cose-se este no redondo de filó, principiando no centro, e virando sempre, até formar um tufo bastante grosso. Collocãõ-se os tufos na frente do enfeite; põem-se dous mais pequenos atrás, ou um só grosso, que deve confundir-se com os cabellos: podem-se acrescentar pontas de fitas que caião sobre o pescoço.

Tambem póde-se fazer este enfeite da maneira seguinte: colloca-se uma

ponta de renda preta, em lugar de uma fita, sobre a *passé*, um pequeno tufo de flores na frente, e outro tufo atrás com folhas que arrastão no pescoço.

Emfim todas estas combinações dependem do gosto; damos o que é indispensavel para o enfeite, isto é, um bom molde para o fundo de filó teso rodeado de fio de arame.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

Nº 1. — Guarnição recortada para roupa branca. Florzinhas, ponto de relevo e ilhozes.

Nº 2. — Alfabeto de letras gothicas com flores-de-liz. Ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 3. — Canto de lenço, desenho rico. O galho de coral é de um genero inteiramente novo; faz-se em *point d'armes* com contornos de cordãozinho; as uvas, assim como as outras frutas, bordão-se em ponto de relevo partido; as folhas grandes, metade em *point d'armes*, metade em ponto de relevo; uma das grandes flores do ramalhete faz-se da mesma maneira; as outras duas em ponto de recôrte e *point à échelle*, com o centro em *point d'armes*. O ramalhete pôde ser substituido por um escudo com iniciaes, ou por um nome de baptismo.

Nº 4. — Porta-cartas. (*Ver os trabalhos.*)

Nºs 5 e 6. — Collarinho e punho de nanzouk fino, abainhado. Contornos de cordãozinho, enchidos com *point d'armes*; florzinhas em ponto de relevo. Acrescentar-se-ha na beira uma renda de Valenciennes levemente franzida.

Nº 7. — *E. C.* Iniciaes para marcar a roupa de mesa. Cordãozinho, *point de poste* e ponto de relevo.

Nºs 8 e 9. — *Z. D.* e *N. V.* Iniciaes para marcar a roupa. Ponto de relevo.

Nº 10. — *A. C. K.* Pequenas iniciaes tendo por cima uma corôa de conde. Ponto de relevo.

Nºs 11 e 12. — Collarinho chato com pontas, e punho alto, de panno de linho fino dobrado e pespontado. O bordado pôde-se fazer quer em *point de poste*, quer em ponto de relevo e grãos em realce. No punho, as casas de um lado podem ser substituidas por pequenos botões de roupa branca, redondos como caroços de cerejas.

Nºs 13, 14 e 15. — *Joanna, Adelaide, Laura.* Nomes para cantos de lenços. Cordãozinho e ponto de relevo.

Nº 16. — Entremeio para roda de saia. Ponto de relevo e ilhozes.

Nº 17. — Quarta parte de lenço. Este lenço é de um genero inteiramente novo. Por cima da bainha, borda-se a grinalda em ponto de relevo, depois acrescenta-se, franzindo-a levemente, a pequena guarnição recortada que damos separada.

Nº 18. — *S. V.* Iniciaes entrelaçadas dentro de um escudo. Ponto de relevo e cordãozinho.

Nº 19. — *P. B.* Iniciaes gothicas. Ponto de relevo.

Nº 20. — *J. G.* Iniciaes para marcar a roupa. Cordãozinho.

Nº 21. — Mesmas iniciaes, desenho rico, para toalhas, guardanapos e fronhas.

Nº 22. — *V. L.* Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 23. — Estrellas de ponto de meia. (*Ver os trabalhos.*)

Nºs 24 e 25. — Entremeio e guarnição de trancelim enfeitado (*mignardise*). (*Ver os trabalhos.*)

Nº 26. — Guarnição para vestido de menina. Recortes *point de rose*, folhas em ponto de relevo, e grãos em realce.

